

Profilaxia da Pressão Holopensênica pela Interassistência

Holothosenic Pressure's Prophylaxis through Interassistance

Profilaxis de la Presión Holopensénica por Medio de la Interasistencia

Maria Teixeira*

RESUMO: O propósito principal deste estudo é aprofundar a reflexão sobre as conexões pensênicas e energéticas estabelecidas por qualquer conscin, examinando as influências, repercussões e consequências dessas interações intra e extrafísicas, nem sempre percebidas de modo consciente. São analisadas algumas formas de pressão holopensênica, em especial as antagônicas, correspondentes aos bolsões extrafísicos da religiosidade e belicismo, destacando a importância da vivência multidimensional com lucidez e foco na interassistência para evitar os efeitos nocivos da pressão holopensênica sobre a conscin.

PALAVRAS-CHAVE: belicismo; bolsões extrafísicos; parapsiquismo; recin; religiosidade.

ABSTRACT: The main purpose of this study is to deepen reflections about energetic, thosenic connections set by any consciousness; scrutinizing influences, repercussions, and consequences, sometimes unconscious, of those intra- and extraphysical interactions. Some holothosenic pressure forms are analyzed, especially the antagonistic ones, corresponding to religious and bellicose extraphysic slums; highlighting the importance of multidimensional experience, with lucidity and interassistential focus to prevent disturbing holothosenic effects over the conscin.

KEYWORDS: bellicosity; extraphysical slums; parapsychism; recin; religiosity.

RESUMEN: El propósito principal de este estudio es profundizar la reflexión sobre las conexiones pensênicas y energéticas establecidas por cualquier concin, examinando las influencias, repercusiones y consecuencias de esas interacciones intra y extrafísicas, no siempre percibidas de modo consciente. Son analizadas algunas formas de presión holopensênica, en especial las antagônicas, correspondientes a los bolsones extrafísicos de la religiosidad y belicismo, destacando la vivencia multidimensional con lucidez y foco en la interasistencia para evitar los efectos nocivos de la presión holopensênica sobre la concin.

PALABRAS CLAVE: belicismo; bolsones extrafísicos; parapsiquismo; recin; religiosidad.

*Economiária aposentada, consultora financeira, pesquisadora e docente da Conscienciologia, voluntária da Interpares. *maria.discernimentum@gmail.com*

INTRODUÇÃO

Proposição. O termo *pressão* é utilizado em diversas áreas da ciência enquanto grandeza escalar que mensura a ação de uma ou mais forças sobre determinado espaço. Para este estudo, 2 conceitos são fundamentais: pressão holopensênica e bolsões extrafísicos.

Pesquisa. Em 1995, esta autora iniciou seu voluntariado na Conscienciologia e, ao longo dos últimos 20 anos (ano-base: 2017), foram realizadas pesquisas pessoais resultando neste artigo.

Holopensene. Na Conscienciologia, o neologismo *holopensene* (*holo + pen + sen + ene*) é a atmosfera pensênica ou ambiente intrafísico fixador do conjunto de pensenes agregados ou consolidados, seja da conscin apenas ou de todo o grupo evolutivo (VIEIRA, 2012, p. 5641).

PH. A pressão holopensênica (PH) é a força produzida pela pensenidade grupal (conscins e consciexes), mais patológica ou mais hígida, com a qual se interage diretamente, reforçada ou não pelas afinizações, e observável nas percepções e parapercepções.

Bolsões extrafísicos. Os bolsões são comunexes (comunidades extrafísicas) compostas por vários tipos de consciexes ainda patológicas que se afinizam e aglomeram por um mesmo padrão pensênico.

Fatologia. Após experimentar assimilações energéticas com 2 tipos de bolsões extrafísicos, as quais representaram o ápice da vivência da pressão holopensênica, esta autora se viu corresponsável no processo interassistencial e no empenho de compartilhar seu aprendizado em artigo.

Temática. Eis, em ordem alfabética, 30 temas relacionados ao assunto autopesquisado:

01. Arrimo grupocármico.
02. Assimilações antipáticas.
03. Assimilações simpáticas.
04. Autocomplacência.
05. Autoconflito.
06. Autoconscientização multidimensional.
07. Autocracia.
08. Autodesorganização.
09. Autovitimização.
10. Crises existenciais.
11. Diferenciação pensênica.
12. Egocentrismo.
13. Interprisão grupocármica.
14. Mecanismos de defesa do ego.
15. Melin.
16. Parapsiquismo.
17. Procrastinação.
18. Proéxis.
19. Pusilanimidade.
20. Qualificação da assistência.
21. Recéxis.

22. Recin.
23. Subserviência.
24. Tacon.
25. Tares.
26. Trafal.
27. Trafar.
28. Trafor.
29. Travão evolutivo.
30. Voluntariado.

Relação. As vivências relatadas relacionam-se a bolsões extrafísicos.

Distorção cognitiva. Eis, em ordem alfabética, 4 trafores distorcidos por esta autora durante sua trajetória de vida, geradores de autoassédio e heteroassédio relacionados à pressão holopensênica e à interassistência:

1. Cuidadora. Desde muito cedo, apresentava características de cuidar do outro. Exemplo: aos 9 anos de idade, além de cuidar dos irmãos mais jovens, passou a cuidar da avó que adoecera.

2. Disponibilidade. Estava sempre disponível para ouvir o outro, abrindo mão dos próprios afazeres em favor do outro.

3. Responsabilidade. Desde criança, possuía senso de responsabilidade, assumindo múltiplas tarefas.

4. Arrimo de família. Aos 22 anos, assumiu inteiramente a responsabilidade pelo grupo cármico familiar.

Parafatologia. Esta autora teve, no seu processo interassistencial desde a infância, parafatos só identificados mais tarde na adultidade após o conhecimento dos estudos da Conscienciologia.

Metodologia. O presente artigo resulta de profundas autorreflexões e vivências da autora.

Tipos. Os bolsões extrafísicos acessados caracterizam-se pela predominância dos seguintes holopensenses:

1. **Religioso:** envolvendo consciexes religiosas.
2. **Bélico:** consciexes bélicas.

Bolsão religioso. Possui padrão holopensênico centrado na religiosidade.

A religião é o conjunto de dogmas e práticas próprias da confissão religiosa, manifesta por meio de doutrinas e rituais específicos, cultuando divindade ou crença, reverenciando objetos considerados “sagrados”, sem maiores autopesquisas pelos fiéis lavados cerebralmente e manipulados a partir de sacerdote, líder, intermediário ou guru (VIEIRA, 2003, p. 760).

Bolsão bélico. Possui padrão holopensênico centrado no belicismo. *O belicismo é a doutrina instintiva ou tendência psicopatológica incitadora da agressão, beligerância, armamentismo, guerra e terrorismo, sendo, por isso, em tese, anticosmoética e antievolutiva para as personalidades humanas* (VIEIRA, 2003, p. 574).

Afinidades. A hipótese é de que essas consciências de ambos os bolsões se encontram à deriva, motivando as consciências a pensamentos e comportamentos fora dos seus padrões, atuando no imaginário de cada um e assim mantendo o estágio evolutivo em que se encontram, ao exercer influência segundo as afinidades pensênicas.

Grupocarma. Por exemplo, quando vivia com a família nuclear pessoal, vivenciava padrões pensênicos muito parecidos com aqueles dos bolsões descritos. O clima de desafetos, autovitimização e não posicionamento era reforçado pelo grupo, predominando as crenças religiosas.

Amparo. O papel vivenciado por esta autora na família nuclear era de arrimo grupocármico, pois cuidar da família foi a condição assumida aos 22 anos, após a desmama do pai e 2 irmãos mais velhos.

Assistência. A hipótese de autopesquisa é de que o papel de arrimo, quando usado de modo assistencial, pode levar a consciências a patamares evolutivos saudáveis; porém, a imaturidade consciencial contribui para estagnações interassistenciais.

Arrimo. *O arrimo grupocármico é a consciência, homem ou mulher, servindo de auxílio, proteção e sustentáculo ideativo, emocional, financeiro ou energético na família nuclear, no trabalho, no voluntariado ou nas diversas necessidades comuns recorrentes da vida humana* (VIEIRA, 2007).

Conexão. As crises existenciais podem se revelar ao modo de melins (melancolias intrafísicas).

Melin. A melancolia intrafísica surgia nos momentos de crises. Sensação de vazio profundo era acompanhada de sentimento de “não estar fazendo nada”, comparado com “patinar sem sair do lugar”, e havia tristeza e choro sem saber por quê.

Incompreensão. Os autoquestionamentos começaram por essa melancolia e incompreensão do papel a desempenhar no grupo nuclear, o que, por hipótese, foi fator predominante para a autolibertação em busca da identificação da proéxis.

Autovitimização. A autovitimização começa com a autoilusão da consciência em realizar algum desejo íntimo. Geralmente, a autovitimização surge pela repressão desse desejo não realizado, o que acaba em frustração. Isso leva a consciências a vivenciar angústia, medo e projetar, nos outros, algo pelo qual ela mesma é a responsável.

Autocracia. A autovitimização da autora passava pela responsabilidade assumida junto ao grupo nuclear: para mostrar-se capaz, sustentava e mantinha o comportamento de pessoa forte, não podendo mostrar o lado frágil. Então não dividia com ninguém os medos, as inseguranças e as angústias; aparentemente, estava sempre bem. Para compensar, usava a autocracia, o poder sobre os outros para ganhar energia.

Parafenomenologia. A vivência pessoal de projeções lúcidas da consciências, amparadas, começou de modo involuntário. Na época, conhecia o fenômeno com o nome de viagem astral. As primeiras experiências foram confusas por não entender o que acontecia; experimentava ao mesmo tempo outros fenômenos, a exemplo da clarividência.

Espiritismo. Para maior compreensão, foi buscar resposta na literatura de Allan Kardec, tendo curta passagem pelo espiritismo com alguns aprendizados. Na época, as vivências parapsíquicas pararam, houve pausa na melancolia. Como retribuição ao aprendizado e assistência recebida, procurou contribuir com o trabalho de voluntariado, participando de reuniões enquanto doadora de energia, de campanhas assistenciais, entre outras atividades.

Busca. A vontade de conhecimento continuava, aumentando os autoquestionamentos. A busca por respostas satisfatórias e pela compreensão da pressão holopensênica influenciadora da trajetória existencial era constante. Foi quando conheceu a Conscienciologia.

ACESSO À CONSCIENCILOGIA

Transição. O início do voluntariado desta autora na Conscienciologia ocorreu no Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia - IIPC. Os cursos do IIPC aceleraram o aprendizado, aumentando a visão de conjunto interassistencial. Entender e diferenciar a taes (tarefa do esclarecimento) da tacon (tarefa da consolação) gerou certo incômodo e divergência com o papel do voluntariado no espiritismo, levando ao abandono do movimento espírita e início do voluntariado na Conscienciologia.

Pusilanimidade. A Conscienciologia propiciou a compreensão de algumas vivências autoquestionadas, o que aumentou a pressão holopensênica por não conseguir abrir mão de posturas pessoais arcaicas e antagonicas, levando à pusilanimidade. A conscin pusilânime é aquela que apresenta característica de ser vulnerável, covarde, medrosa, diante de fatos que exigem posicionamentos.

Justificativas. A falta de coragem estava relacionada à culpa e à responsabilidade assumida na família, tendo como justificativa as dessoras de membros da família muito próximos desde jovem.

Recin. Reciclar esse traçar (traço-fardo) foi primordial nas escolhas e aceleração da história de vida; porém, não foi tão simples. Demandou anos de autopesquisa e fortalecimento de outros trafores (traços-força) e identificação de traçais (traços faltantes).

Mudança. Para Vieira (1994, p. 682), *a recéxis é mudança para melhor, de todo o curso e perspectiva da vida humana da conscin, fundamentada na Conscienciologia, que, a partir daí, adota novo conjunto de valores com novo descortino ante a vida e o universo.*

Reciclagem. *A Recexologia é a especialidade da Conscienciologia aplicada ao estudo da técnica e da prática da recéxis, ou reciclagem existencial, dentro da intrafisicalidade, tendo início pela recin ou reciclagem intraconsciencial* (VIEIRA, 2003, p.833).

Travão. Para iniciar a recin, foi necessário identificar o travão e o traçal. O entendimento da situação foi auxiliado por certo distanciamento do holopensene grupal familiar que gerava a pressão holopensênica e, em seguida, conseguir olhar de fora para fazer a assistência necessária.

Autodescoberta. Nesse íterim, a autora iniciou relação afetiva, sendo a justificativa para a saída de casa. Na época, cursava o AMD (Autoconscientização Multidimensional), curso de entrada na Conscienciologia, oferecido pela Associação Internacional para a Evolução da Consciência – ARACÊ. E foi durante o curso que identificou traços pessoais a serem reciclados.

Autoprisão. Em momentos de autorreflexão, o sentimento experimentado era de ser um pássaro preso em gaiola aberta sem conseguir voar. Durante as aulas do AMD, associava a teoria exposta pelos professores com as crises existenciais vivenciadas. Os fatos faziam sentido e tinham lógica, o que motivou a buscar mais conhecimento sobre o tema interprisão grupocármica.

Acumpliciamiento. *A interprisão grupocármica é a prisão ou amarra entre consciências de um mesmo grupo devido às consequências negativas das ações anticosmoéticas realizadas em conjunto, em geral, que foram comparsas e/ou tiveram algum tipo de acumpliciamiento em erros passados ou presentes* (TORNIERI, 2008, p.124).

Aceitação. Reciclar esse traço gerador da interprisão exigiu aceitar a realidade vivenciada e identificar trafores mantenedores da mesma.

Identificação. Eis, em ordem alfabética, 8 trafores pessoais identificados, que sustentavam a interprisão grupocármica:

1. **Autodesorganização.** A falta de organização pensênica, geradora de assédio e heteroassédio, dificultava e bloqueava a lucidez, tornando-se desculpa para não realizar as prioridades e concluir os projetos iniciados.

2. **Egocentrismo.** Vergonha em pedir ajuda, pois se achava capaz de resolver tudo sozinha.
3. **Ganho secundário.** Justificativas focadas no tráfego.
4. **Mecanismo de defesa do ego (projeção).** Projetar no grupo a insatisfação pessoal.
5. **Medo.** O sentimento de medo, fomentado pela culpa e impotência no cuidar do outro, originando-se, por hipótese, no fato de entender o cuidado enquanto obrigação, perdendo, assim, a oportunidade interassistencial.
6. **Poder.** Havia ganho de energia a partir do poder exercido sobre a família, em função de ter o papel de mantenedora e se achar no direito de mandar.
7. **Procrastinação.** Hábito de adiar as ações necessárias e importantes e de deixar para fazê-las na última hora.
8. **Pusilanimidade.** Para não mostrar a própria fraqueza, justificava sempre o adiamento de um posicionamento.

AUTOCONSCIENTIZAÇÃO DA PRESSÃO HOLOPENSÊNICA

Superação. Ao identificar traques, a autora iniciou a superação de algumas posturas, tais como: autoassédio, autocorrupção, distorção da autoimagem, insegurança, culpa, preocupação excessiva com grupo familiar, entre outros.

Vontade. A reciclagem intraconsciente é desafiadora, pois demanda o rompimento da consciência com posturas arcaicas da estrutura pessoal. É aprendizado lento que exige muita vontade.

Viragem. Em apenas 5 anos ocorreram fatos relevantes: aposentadoria, rompimento da relação afetiva, encerramento de empresa e a escolha de morar sozinha.

Posicionamento. A decisão de morar sozinha ajudou o autoenfrentamento, pois não podia mais projetar em ninguém as dificuldades. Exigiu o convívio com as próprias mazelas o tempo inteiro. Foi um ano de autorreflexões, precisava ter autoposicionamento, não conseguia concluir nenhum projeto. A autopressão incrementava a crise existencial latente. Nesse cenário, posicionou-se e mudou-se para o Espírito Santo, na condição de voluntária em tempo integral do *Campus ARACÊ*.

Interfase. A chegada ao grupo não amenizou a crise pessoal: com dificuldades financeiras, o que ganhava dava para manter apenas as despesas básicas; mas intimamente sabia que começava ali um novo ciclo. A dedicação ao voluntariado era integral. Os 2 primeiros anos aparentemente foram tranquilos, sentia-se amparada, porém ainda existia sentimento de culpa pelo abandono dos familiares.

Rompimento. Passados 2 anos, afastada da família, evidenciou-se a necessidade de rompimento com o grupocarma para liberar as interprisões.

Renovação. O maior aprendizado, após esse afastamento, foi começar a ver o grupo familiar com outro olhar para superar possíveis mágoas ocasionadas pela falta de compreensão do posicionamento pessoal. A intenção aqui não é enaltecer o abandono da família. Importante ressaltar que, no caso dessa autora, o rompimento foi necessário, sendo considerado o princípio de *que aconteça o melhor para todos*. Cada caso deve ser olhado de modo particular.

Essência. Segundo Vieira (1994, p. 403), no contexto familiar e de grupo evolutivo, é sempre tolice uma consciência afirmar que vai abandonar alguém; *os caminhos do grupocarma se entrecruzam de modo inevitável e ninguém se distancia*.

Pressões. O aprendizado crescia enquanto as pressões holopensênicas e dificuldades com divergências também aumentavam.

Volta da espiral. Moradora do *Campus ARACÊ* e convivendo com o grupo de voluntários, esta autora se percebeu em cenário ao modo de um “filme”: vivenciava as mesmas dificuldades de quando morava com a família, pois usava os mesmos mecanismos de funcionamento intraconscional. A identificação de alguns traços ajudou a aplicar a técnica da diferenciação pensênica.

Técnica. Segundo Stédile (2012, p. 6), *a diferenciação pensênica é a técnica interdimensional de análise cotidiana dos pensenes, visando diferenciar autopenses e heteropenses nas contínuas interações conscienciais multidimensionais entre conscins, consciexes e holopenses.*

Aprendizado. Diferenciando fatos e parafatos, foi possível dividir com alguns colegas as dificuldades pessoais, proporcionando a escuta de *feedback* sobre a existência de forte *link* pessoal religioso e que o traço da subserviência integra o perfil do bolsão extrafísico da religiosidade, exigindo maior posicionamento pessoal e menos omissão.

Autorreflexão. Se o papel pessoal desempenhado na família era de poder, por que havia comportamento de subserviência? Morar no *Campus ARACÊ* foi escolha individual, estava disponível para voluntariar, porém faltava maturidade pessoal e vivência grupal. A visão pessoal a respeito do grupo de voluntários era de que, a maior parte, tinha mais maturidade e mais lucidez e, por isso, considerava-os “mais evoluídos”.

Autoquestionamento. As autorreflexões causaram outros questionamentos: “se penso que o grupo é mais evoluído e eu continuo com padrões pensênicos distorcidos, qual a recin da vez? A subserviência é minha, percebi que a baixa autoestima me autodesvalorizava perante o grupo”.

Autocompreensão. Com esse entendimento, houve a constatação de que devia mudar o comportamento pessoal, pois projetar nos outros não servia mais, era preciso trocar a sintonia, sair da frequência patológica.

Aprofundamento. Impossível adiar, precisava aprofundar as recins, só possíveis pelo despojamento e determinação. A mudança de patamar exige entender que esse momento precisa ser “você com você”, sem máscaras. Para alcançar os objetivos, são fundamentais: lucidez, discernimento, domínio energético, evitando contaminações pensênicas.

Cotidiano. Nessa etapa do voluntariado, buscando reciclar traços anacrônicos, ocorreu vivência relatada a seguir, na qual houve a oportunidade de autocompreensão do que acontece no dia a dia de qualquer conscin.

Alerta. O relato desta vivência pode passar ao leitor – sem entendimento dos processos extrafísicos – a ideia de sofrimento diante dos acontecimentos; porém, o que se pretende mostrar é que qualquer fato vivenciado tem um por quê. O objetivo é esclarecer que é possível viver momentos difíceis e sair a maior deles, desde que haja preparo e disponibilidade para assistência mais qualificada.

RELATO DE AUTOVIVÊNCIA

Cenário. Data: 7 de novembro de 2006; horário: 8h00; local: base intrafísica no *Campus ARACÊ*.

Parapercepções. Identificação da presença de consciexes na psicofera pessoal com padrão pensênico caracterizado por: *sentimentos e sensações* experimentadas, a exemplo de estresse; vampirização; cansaço; medo; sensação de ser vigiada; pensamento de não aguentar aquele mal-estar sentido; desistência; vitimização; perseguição; vontade de fugir; choro incontrolável; solidão; desamparo; inquietação; angústia.

Características. Esses sentimentos foram vivenciados de uma só vez, predominando, naquele momento, comportamento psicossomático, sem discernir ao certo o que acontecia. Pela baixa lucidez, o raciocínio estava prejudicado, com sinais de submissão àquela pressão holopensênica antagônica.

Técnica aplicada: Chuveirada hidromagnética.

Diagnóstico. Após ter identificado os padrões pensênicos descritos anteriormente, levantei-me e fui ao chuveiro. Durante o banho, resolvi aplicar a técnica da chuveirada hidromagnética (VIEIRA, 1994, p. 324), usando de vontade para discernir e compreender o que estava ocorrendo e o porquê de tantos sentimentos patológicos.

Indagações. Por que sentia tanta angústia e desespero? Por que me sinto prisioneira? Por que me sinto vigiada? Quem controla meu consumo de água e gás?

Intuição. As respostas começaram a chegar de maneira intuitiva e fui me acalmando. Parapercebi os detalhes dos bolsões holopensênicos acessados, com características do perfil bélico e religioso.

Diálogo. Iniciei diálogo intraconsciençial, quando surgiram em tela mental imagens de clausura e campo de concentração, o que automaticamente remeteu ao público-alvo renegado por mim. Naquela época, pensava que minhas reciclagens nada tinham a ver com religiosidade e belicismo e que o público-alvo pessoal de assistência era outro.

Analogia. Assustada, pensei: “o que eu teria a ver com isso?” e comecei a refletir sobre alguns comportamentos pessoais com relação aos judeus: lembrei-me de que evito assistir filmes sobre punição de judeus, por despertar em mim sentimento de raiva, vingança e dor. Nesse momento, saí do chuveiro, e anotei essas parapercepções, estabelecendo analogia com os bolsões extrafísicos identificados.

Parecer. À medida que escrevia, diferenciava os padrões pensênicos. Foi quando me percebi vulnerável por vivenciar insatisfações pessoais cavadas por minhas próprias posturas no grupo, e tal percepção me deixava mais lúcida e capaz de fazer a diferenciação pensênica.

Compartilhar. Buscando elaborar autodiagnóstico, recorri ao grupo, compartilhando a vivência com alguns colegas do voluntariado. O diálogo representou outro aprendizado e outra superação, pois escolher pedir ajuda proporcionou-me sentimento de alívio e sensação de prazer.

Assimilação. Após compreender o processo de assimilação e acoplamento energético ocorrido entre mim e as consciêncas daquele padrão pensênico de religiosidade e belicismo, dissipou-se o mal-estar e aumentou a lucidez quanto ao parafato.

Interferência. Segundo Vieira (2007, p. 5643), até para a conscin pacífica esse tipo de vivência pode ocorrer pelo *acesso intrusivo à própria intimidade, de companhias extrafísicas parapsicóticas pós-dessomáticas, alimentando-se das energias de natureza belicista* das consciências afins, iscas incautas, submissas e inconscientes.

Subserviência. Nove anos depois dessa vivência, percebo minha subserviência ao grupo e que a insatisfação passava pela falta de autoposicionamento e negligência quanto ao parapsiquismo nas ações pessoais.

DESCONSTRUINDO A ATITUDE TACONISTA

Autossuperação. Esta autora vive na atualidade nova fase, com crises pessoais superadas. Os resquícios existentes devem ser reciclados em crises de crescimento de modo contínuo. Refletindo sobre a realidade pessoal, é possível identificar obstáculos superados e traços intraconsciençiais reciclados, tendo enquanto ferramenta assistencial a autopesquisa associada à sustentabilidade interassistencial.

Taconismo. As lembranças da vivência relatada passam como filme na memória pessoal. Fazem refletir o quanto a postura taconista, geradora de autoconflitos, pesou na história pessoal.

Autoconflito. O autoconflito é o estado ou a condição de cisão da personalidade devido ao antagonismo da consciência consigo mesma, caracterizado pelo estado de tensão intraconscional, desconforto e desassossego íntimo. É autocontestação, por realizar autoenfrentamentos diante de conflito gerado por dúvidas quanto ao entendimento da proéxis pessoal.

Entendimento. A hipótese pessoal de pesquisa do autoconflito envolve dúvida sobre o limite de onde termina a tacon e começa a tares. A demarcação é sutil. A imaturidade consciencial dificulta a autoidentificação e autocompreensão desses 2 conceitos.

Proéxis. Segundo Vieira (1994, p. 682), o reciclante, *através de todos os seus potenciais disponíveis, buscará recuperar o percentual possível das unidades de lucidez de sua consciência integral (cons), realizando o restante do seu programa pré-existencial ainda não cumprido (proéxis). A evolução da consciência só se faz sob pressão ou recin.*

Aprisionamento. A tacon, no caso desta autora, foi a causadora da sensação de aprisionamento gerando decisões imprecisas e impulsivas.

Abordagens. Reexaminando o passado, esta autora refletiu sobre a própria postura taconista, percebendo-se excelente ouvinte das dificuldades e decisões alheias. Em verdade, achava-se excelente conselheira, dizendo a verdade abertamente.

Interprisões. O fato é que fazia pior: mostrava o que achava ser o melhor caminho para o outro, adotando técnicas de abordagens do tipo aconselhamento, impedindo que a conscin assistida elaborasse suas crises para fazer as próprias escolhas. O mais sério era o vínculo criado com essas consciências, estreitando as interprisões.

Cuidadora. Foi identificado o traço pessoal de cuidadora, estudado pela Cuidadologia. Desde muito jovem usava do parapsiquismo, com parapercepção aguçada, traço marcante, para ajudar e identificar a dificuldade no outro, fazendo o que entendia ser assistência necessária, mas sem conhecimento técnico.

Ponderação. As críticas dos colegas voluntários com relação à forma de assistir sem técnica e antecipando a solução e decisão do assistido, levaram esta autora a ponderar o que escutava. Com autoabertismo para repensar a maneira de atuar na relação tacon-tares, intuiui aprendizados obtidos no período intermissivo.

Tarefeiros. Segundo Vieira (1994, p. 817), sobre a teoria dos cursos intermissivos, afirma:

Um total de 100% dos(as) alunos(as) tarefeiros(as) dos cursos intermissivos faz promessas a si próprios e são despachados para ressonância com saudações e títulos pomposos: “arautos da justiça”; “bandeirantes do ideal”; “embaixadores da paz”; “escultores do espírito”; “líderes da renovação”; “mensageiros do bem”; “ministros da verdade”; “missionários da redenção”; “operários do saber”; “sacerdotes do amor”; entre outros. A maioria, no entanto, permanece apenas nessa promessa poética inicial.

Autopesquisa. Pensando no curso intermissivo pessoal, a hipótese de pesquisa é que tal promessa não ficou somente nas palavras. O fato de apresentar essas vivências e de questionar o papel desempenhado nesse cenário chancela o cumprimento de promessa feita no intermissivo.

Questão. Pensar assim ainda é estar na zona de conforto, pois esta autora questiona o próprio comportamento: “se posso ir de avião, por que insisto em ir de ônibus?”

Desconstrução. Após o acesso à Conscienciologia, a autora ficou confusa quando identificou esse traço da tacon. Precisava desconstruir essa postura e deixar a tacon automimética dispensável.

Decidiu então aperfeiçoar a técnica da tares. A falta de autopesquisa no assunto e aprofundamento no conceito gerou certo bloqueio e autoconflito.

Priorização. A prioridade de quem tem curso intermissivo não é mais aplicar somente a tacon e, sim, priorizar a tares por ser mais nevrálgica. Na tacon predomina a consolação, a postura de “passar a mão na cabeça”.

Sugestão. Você leitor(a) que busca assistência de alto nível precisa saber e diferenciar, sem culpa ou medo, que qualificar assistência é também saber *bater e assoprar* quando necessário, na medida certa que o assistido aguenta. No tratado *700 Experimentos da Conscienciologia* (1994, p. 410 e 411), há estudo da tares e tacon com 20 características de cada tipo de assistência.

AUTOPOSIÇÃO

Mecanismo. A pressão holopensênica alcançou tal proporção na história pessoal por desconhecimento de conceitos conscienciológicos, associado ao uso de mecanismo de fuga, derivado das responsabilidades assumidas no passado de maneira antagônica e irreal.

Posicionamento. Depois de vários anos em crises recorrentes e de crescimento, com bloqueio mental e somático, atualmente esta autora está melhor posicionada ante os travões da proéxis pessoal.

Aceleração. A escolha do que fazer é de cada consciência, e o que parece mais fácil nem sempre é o melhor evolutivamente. O posicionamento com relação aos autocuidados e a disponibilidade na qualificação da assistência têm ajudado a perceber que fatos estão acontecendo de modo acelerado.

Prática. No dia a dia, nas inter-relações o que mudou foi a forma de enxergar os acontecimentos. Isso melhorou a autoestima, mudou o olhar para com o outro, a positividade com relação à vida, a vontade de produzir e realizar com mais teática. O aprendizado está em saber praticar, mudança na atitude pautada na teoria.

Bússola intraconsciencial. Foi identificada a bússola interna, norteadora e corretora de rumos, quando há desvios pelo caminho, até que haja maturidade consciencial para o autoenfrentamento. Essa bússola segue a qualidade da pensenidade e as posturas íntimas, ou seja, de acordo com o CPC (Código Pessoal de Cosmoética). Partindo do princípio de que somos o que pensamos, como fazer diferente se, quando a bússola nos direciona para o lado do discernimento e do uso da cosmoética, somos incoerentes e inautênticos?

A bússola intraconsciencial evidencia o nível da hiperacuidade da conscin quando esta ajusta o próprio ponteiro consciencial, no rumo da Cosmoeticologia, especificamente quanto à vertente mais carente, no momento evolutivo, seja a holomaturidade em relação à profissão, as autodisponibilidades de potencialidades, energias e tempo, objetivando, sobretudo a consecução eficiente da proéxis (VIEIRA, 2013, p. 2559).

Qualificação. Para mudar é preciso ter pensenidade sadia, aprofundar a autopesquisa no holopense pessoal da interassistência, buscar qualificação assistencial focada no altruísmo.

Voluntariado. As autorreflexões contínuas quanto ao voluntariado conscienciológico e ao histórico pessoal buscam definir o tipo pessoal de voluntariado. A autora identifica-se no voluntariado enquanto retomadora de tarefas por não ter conseguido se liberar de passado antagônico, que durante anos projetou no outro, o que deveria estar fazendo com excelência.

Patopense. No caso pessoal, a identificação do parasitismo justificado pela pressão holopensênica ficou evidenciada nas autocorrupções, na omissão deficitária, na autocracia, no mecanismo de

defesa do ego (projeção), na patopensinidade, traques superados em algum nível, embora retornem em patamares diferentes e sutis.

Reversão. A autocompreensão do traço da autocracia provocou mudança de comportamento na interação grupal, exigindo rever posturas no grupo, especialmente quando ajudava a fomentar o poder, enquanto deveria assistir. Tal compreensão tem ajudado a alavancar outros processos interassistenciais e diminuído a pressão holopensênica que sentia, a qual, na verdade, era exercida pelos patopensenes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recins. A pressão holopensênica gerada pelas influências de conscins e consciexes nos afeta em função da nossa incapacidade de interação e interassistência. No caso desta autora, a percepção é de que, em alguns casos, esta dificuldade está na falta de reciclagem de traços de temperamento, sedimentados de retrovidas.

Evolução. O trabalho grupal pode alavancar ou estagnar a evolução de cada um, porém superar obstáculos diários tais como egocentrismo, baixa autoestima, subserviência, gurulatria no grupo desafia boa parte das conscins, e isso alonga a jornada evolutiva.

Autodesassédio. Estas posturas, quando não diagnosticadas e trabalhadas no dia a dia, levam ao autoassédio, geram patopensenes e alteram o ambiente e, conseqüentemente, a psicofera dos envolvidos. Para que ocorra melhoria no ambiente, é necessário profilaxia pensênica dos integrantes e aplicação de técnicas de autodesassédio, sempre que necessário.

Pensinidade. A pressão holopensênica pode ser interna ou externa e, enquanto hipótese, seu surgimento está na raiz da pensinidade da consciência que a produz, atraindo assim outras consciências para sua psicofera, deixando a pressão cada vez maior.

Sustentabilidade. Lançar mão da sustentabilidade interassistencial, a capacidade da conscin em dar suporte energético e emocional a outras conscins com olhar interassistencial e vivenciado de modo mútuo, favorece o foco principal da tarefa do esclarecimento (tares).

Autocompreensão. A autopressão pensênica é constante e geral na vida; porém, conviver com ela requer mais que autocompreensão: exige domínio energético, disponibilidade interassistencial e autoposicionamento para amenizar incômodos, autoconflitos e a vulnerabilidade gerada pela falta de lucidez e de recuperação de cons.

Coragem. A partir das vivências relatadas, esta autora passou a compreender as conexões multidimensionais, intensificadas nesse aprendizado, o que exige da consciência, predisposta à alavancagem de sua evolução, coragem superadora de obstáculos, podendo discernir sobre seu passado recente e descobrir traques.

Contextualização. É preciso saber usar diálogo mental entre o passado e o presente, contextualizar com entendimento do que vem a ser a proéxis pessoal, separar o que serve do que não serve, utilizando o mais útil para realizar e planejar com foco no mais almejado.

Ampliação. Não se deixar intimidar por nada, compreender que o passado não serve mais enquanto prática diária, mas pode ser útil para ampliar o entendimento das assistências necessárias.

Autoevolução. Esse entendimento só será possível quando houver predisposição e vontade de deixar o passado e começar a viver o presente, assumindo as rédeas da autoevolução rumo ao completismo existencial.

Desopressão. A autossuperação acontece quando se deixa de colocar autopressão. As vivências apresentadas neste artigo mostram que a virada indica encerramento de ciclo para o início de novos desafios.

A AUTOSSUPERAÇÃO DA PRESSÃO HOLOPENSÊNICA É A CAPACIDADE DE REALIZAR AUTODESASSÉDIOS E HETERODESASSÉDIOS DIFERENCIADOS EM MOMENTOS CRÍTICOS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS, EVITANDO A FOMENTAÇÃO DE PADRÕES PENSÊNICOS PATOLÓGICOS.

Questão. Você, leitor ou leitora, consegue diferenciar os padrões dos bolsões holopensênicos no momento de crise existencial, evitando assim a intensificação da pressão holopensênica?

REFERÊNCIAS

1. Arakaki, Kátia; *Antibagulhismo*; 240 p.; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2015.
2. Stédile, Eliane; Lückmann, Mariangela; Seno, Ana; Athayde, Greice; Martins, Irene; Facury, Marco A.; Machado, Maria Luzia; *Diferenciação Pensênica*; Revista; Conscienciologia Aplicada, Ano 12, N. 09, Edição Especial; ARACÊ; 2012; página 6.
3. Tornieri, Sandra; *A Projeção Consciente e o Binômio Reconciliação-Superação da Interprisão Grupocármica*; Revista; Conscienciologia Aplicada, Ano 8, N. 07, ARACÊ; 2008, página 124.
4. Vieira, Waldo; *Projeziologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 4ª ed.; IIPC; Foz do Iguaçu, PR, Brasil; 1999; página 817.
5. Idem; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1058 p.; Instituto Internacional de Projeziologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro; RJ; 1994; páginas 324, 403, 404, 410, 411, 682 e 817.
6. Idem (Org.); *Enciclopédia da Conscienciologia*; versão digital; 8ª ed.; Editares & CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 2013; páginas 935 a 940, 2557 a 2562, 5641 a 5645, 612 a 6215; verbetes: Arrimo grupocármico, Bússola intraconscencial, Holopensene, Interassistenciologia.
7. Idem; *Homo sapiens reurbanisatus*; Editares; Foz do Iguaçu; PR; 2003; páginas 574, 760, 833, 817.

